

169 — A Cartuxa<sup>1</sup> (pag. 28 na 4.<sup>a</sup> ed).

Está o ermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas da Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de umas serras de grande altura, tão ingremes e de tanta penedia, que não achou até agora a industria humana modo nem logar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor são uma rocha talhada, que por muitas partes vae acabando em uns penhascos agudos, os quaes, com sua natural aspereza, não só mettem espanto a quem de baixo os está olhando, mas ainda causa admiração vêr o artificio com que a natureza foi misturando o rochedo d'aquellas serras com a verdura do arvoredos, que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro é mui capaz, porém mui aspero e intratavel, assim por estar a maior parte d'elle sempre coberto de neve, como pelos ventos que ordinariamente correm, tão frios e agudos que até os animaes bravos do monte os não podem supportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, e ainda das aves não ha as menores, como rouxinoes, melros, nem outras que com sua melodia costumam alegrar e fazer doce a habitação do campo, senão algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rochedos para nelles fabricarem seus ninhos. E posto que em todas as coisas é este logar por sua estranheza muito para vêr, todavia o mais admiravel de tudo é a serventia que Nosso Senhor ordenou que tivesse, porque não havendo nenhuma, por estar todo em roda crespo de penedia, de fóra se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu logar a se lançar de uma a outra parte uma ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accommodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem nella quizesse entrar. Fica por baixo da ponte um valle entre estas serras, que, por ser profundissimo e não admit-



tir os raios do sol, se faz tão escuro, que mais causa horror que gosto aos que passam por cima, ao que ajuda muito o rouco som do rio Guier<sup>2</sup>, que pelo fundo vae passando, cujas ondas, quebradas na penedia, causam um rumor importuno e temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que d'este logar escrevem os historiadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compoz, porque parece quiz Nosso Senhor formar nelle um castello roqueiro, em que estes santos se pudessem defender dos inimigos d'alma com tanta facilidade que não ficassem armas ao mundo, diabo e carne com que os inquietar<sup>3</sup>.

D. Basilio de Faria (1569-1625).

<sup>1</sup> celebre mosteiro de França, situado no departamento do Isère, ao norte de Grenoble (cidade fortificada ; 37:000 bah.)  
<sup>2</sup> pequeno rio (55 kilom.) que separa o departamento do Isère do de Saboya. <sup>3</sup> § 244, a.

---

### 170 — Soneto

ASSIM DE FLORES SE COROA A AURORA (pag. 36 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Um soneto ! inda esta me faltava !  
 Quatorze versos ! isso é mui comprido !  
 Não chega lá meu estro desprovido ;  
 Muito é se deito a barra a uma oitava !

Lá vae : *O sol brilhante campeava*  
*Pela estrada do meio...* Vou perdido,  
 Longe do mote, longe do sentido :  
 Nunca, no outeiro<sup>1</sup>, Albano assim glosava.

Entro por outra porta... D'esta feita  
 Creio que dei c'o trincho<sup>2</sup>; *Uma pastora,*  
*Que c'o cajado, n'agua, tinha feita...*



Não presta. Tome lá, minha senhora,  
 Guarde o mote; e dir-lhe-hei, quando s'enfeita:  
*Assim de flôres se corôa a Aurora.*

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*. 1734-1819).

<sup>1</sup> concurso de poetas ou improvisadores, que glosavam os motes dados pelas freiras em dias de festa, abbadessados, etc.

<sup>2</sup> na significação propria significa não só o prato grande sobre o qual se trincham as igurias, mas também o sitio por onde a ave se trincha facilmente. Dar com o trincho é o mesmo que dar no vinte.

---

171 — Androdo e o leão (pag. 31 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Entre os outros jogos e espectaculos que se faziam no circo maximo, ou amphitheatro, para entretenimento do povo, se formou uma caça ou montaria de feras, entre as quaes um leão, por sua grandeza e ferocidade, levava mais os olhos de todos.

Lançaram também na mesma praça alguns criminosos, para luctarem com as feras e serem d'ellas despedaçados. Um d'estes réos era um homem natural de Dacia<sup>1</sup>, escravo de certo varão consular. Arremetteu a elle o leão para o fazer leve pasto<sup>2</sup> de seu esfaimado ventre (nem aquella miseravel victima esperava já outro sepulchro) quando, de repente, parou o leão e o correu attentamente com os olhos, como que o conhecia d'antes e queria certificar-se. E, já que acabou de conhecê-lo, se chegou manso e humilde e o lisongeava movendo a cauda e lambendo-lhe as mãos, como se fôra um cachorrinho domestico; e o homem, conhecendo também o leão, começou de afagá-lo e correr-lhe a mão pelas jubas. Levanta-se em todo o amphitheatro um confuso ruido de clamores; porque este espectáculo era para todos, com razão, mais admiravel que os outros.



Foi chamado do Cesar<sup>3</sup> o dito homem, e perguntado pela causa d'esta estranha maravilha; elle com humildade simples, contando a verdade :

— Sou (disse) um escravo, por nome Androdo, que estando em Africa com meu senhor, que naquella provincia era proconsul, por não poder tolerar suas crueldades e mau trato, fugi<sup>4</sup> para os montes, onde, buscando esconderijo contra os que me seguissem<sup>5</sup> e amparo contra os ardentes soes d'aquelle clima, vim a entrar em uma cova, que me pareceu mais occulta e retirada. Não tardou muito que o morador d'ella, que era este leão, viesse de fóra a recolher-se. Qual seria nesse passo o meu susto e pavor, o mesmo caso o<sup>6</sup> explica ; porém vinha a fera manquejando e trazia suspensa no ar uma mão, e do modo que podia m'a mostrava, como pedindo-me remedio. Cobrei então animo, com a necessidade do leão, e, pegando-lhe da mão, vi que tinha nella cravada altamente um agudo abrolho, d'onde lhe procedia a inchação da parte, com dôres que o faziam bramir.

Tirei-lhe o abrolho, expremi-lhe o sangue podre e materias que tinha creado e lhe vendei a mão com uma tira, que rasguei do meu vestido, soffrendo o bruto a cura quietamente. E, como tomou allivio na dôr, se extendeu a dormir junto a mim sem tirar a sua mão das minhas, como que nellas sentia algum fomento<sup>7</sup>. D'alli por deante, sarada já a ferida, todos os dias me trazia do que caçava, e eu, torrando aos raios do sol os pedaços de carne de outros animaes, passei assim tres annos ; até que, aborrecido d'este ferino<sup>8</sup> modo de viver, deixei a cova, ao tempo que o leão andava fóra e logo vim a cair na mão de outros mais ferozes, que me conheceram e prenderam e levaram á presença de meu senhor, que é a causa de ser agora lançado ás feras. E, pelo que vejo, devia o leão ser tambem colhido, para ajuntar aos mais nos espectaculos d'este povo. A familiaridade e hospedagem de tanto tempo o tinha domesticado comigo e, por essa causa, me não fez mal,



antes mostra conservar a lembrança d'aquelle antigo beneficio, que de mim recebeu.

Admirado e juntamente gososo<sup>9</sup> Cesar de ouvir a relação d'este caso, mandou que se escrevesse summariamente e fosse passando a noticia a todo o povo o qual, levantando clamor, pediu que Androdo fosse solto e livre e lhe dessem o leão.

Assim se executou e d'alli por deante andava Androdo por toda a cidade, levando comsigo o leão atrelado por um delgado esparto, e todos deitavam sobre elle flôres e a Androdo davam esmolas de que vivia; e diziam:

— Este é o leão hospede<sup>10</sup> do homem; este é o homem medico do leão.

Padre Manoel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> provincia romana na margem esquerda do Baixo Danubio.  
<sup>2</sup> § 121, a. <sup>3</sup> titulo dado aos imperadores e principes romanos.  
<sup>4</sup> § 119, e. <sup>5</sup> § 200 b. <sup>6</sup> § 250. <sup>7</sup> no sent. fig. lenitivo, refrigerio.  
<sup>8</sup> proprio de fera. <sup>9</sup> contente, satisfeito (deriv. de goso). L. *gaudium*, alegria; *gaudere*, alegrar-se, supino *gavisum*. *Gaudio*, gos-ar o-oso; regosij-ar, o. O tipo derivativo *gaudiale* do pl. L. *gaudia* deu joia, It. *giojello* (em It. *gioja* significa alegria e joia), Hesp. *joyel*; joalh-aria,-eiro. <sup>10</sup> tem duas accepções este vocabulo: o que dá gasalhado e aquelle que recebe esse beneficio. Na linguagem usual emprega-se a palavra *hospede* sómente na segunda accepção.

172 — Um monstro de fealdade (pag. 34 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Tem negra côr, cabello retrocido,  
 Fendidos olhos, testa abreviada,  
 E no beijo o bigode sae comprido,  
 No largo queixo a barba tosquiada,  
 Grosso, e rombo o nariz, e denegrado,  
 De sulcos profundissimos lavrada  
 A triste face, e de verrugas cheia,  
 Que a menor fealdade era ser feia.



Já deita sangue mais que de uma fonte;  
 Já a mão não rege a espada, e sempre esteve  
 Sem perder a braveza, que defronte<sup>1</sup>  
 Com quantos se lhe oppõem; bravo se atreve  
 Contra todos; levanta a altiva fronte,  
 Faz tudo quanto o valoroso deve,  
 E quando vê de todo que desmaia,  
 Escolhe um, a que mate, e com que caia.

Cae sem alento, e tendo vomitado  
 A alma, e sangue, nelle o corpo vira,  
 Dando o peito ferido um apressado  
 Anhelar congoxoso<sup>2</sup>, com que expira:  
 Ainda o escudo assim tinha abraçado,  
 E a espada no pulso, e quem o vira,  
 Cuidara que era vivo, e está de modo  
 Que era uma só ferida o corpo todo.

Gabriel Pereira de Castro (1571-1632).

<sup>1</sup> Arroste, encare. <sup>2</sup> Afflicto, angustiado.

### 173 — Noticia ácerca da ilha dos Nheengaibas

Na grande bôca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de Indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaibas. Ao principio receberam estas nações aos nossos conquistadores em boa amizade; mas, depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz com que entraram se convertia em declarado captiveiro, tomaram as armas em defesa da liberdade, e começaram a fazer guerra aos portuguezes em toda a parte. Usa esta gente de canôas ligeiras, e bem armadas, com as



quaes não só impediam, e infestavam as entradas, que nesta terra são todas por agua, em que roubaram, e mataram muitos portuguezes, mas chegaram a assaltar os indios christãos em suas aldeias, ainda naquellas que estavam mais vizinhas a nossas fortalezas, matando e captivando; e até os mesmos portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se vêm ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores d'estas capitánias dentro de certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra, e dos rios, nem ainda a passagem d'ellas, senão debaixo das armas. Por muitas vezes quizeram os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empreza todas as forças d'elle, assim d'indios como de portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca d'esta guerra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nheengaibas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnavel, com que as defendeu e fortificou a mesma natureza. É a ilha toda composta d'um confuso e intrincado labyrintho de rios, e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saídas, estes sem entrada nem saída alguma; onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas frechas. E, porque esse modo de guerra volante e invencivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nheengaibas, tanto que se resolveram á guerra com os portuguezes, foi desfazer e desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse uma avisar as outras, e nunca serem accommettidas juntas. D'esta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma



parte d'ella, servindo-lhes porém em todas os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada Nheengaiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate.

Padre Antonio Vieira.

---

174 — Justiça que el-rei D. João II mandou fazer na estatua do marquez de Monte-mór (pag. 37 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Estando el-rei em Abrantes, por ser certificado que o marquez de Monte-mór, estando em Castella, não deixava de seguir sua má vontade contra elle, com os do seu conselho e letrados, ordenou e quiz em sua ausencia mandar fazer justiça, e justicar sua estatua nesta maneira. Na praça da dita villa se fez um cadafalso de madeira, grande e alto, todo coberto de pannos de dô, e nelle assentos para corregedores, desembargadores e juizes; e ahi em pé meirinhos, alcaides e officiaes de justiça. E publicamente foi alli trazida uma estatua do marquez, natural como viva, que se parecia com elle, e vinha armado de todas as armas, e em cima d'ellas sua cota de armas, e na mão direita uma espada alta e na esquerda uma bandeira quadrada de suas armas; e alli pelos juizes lle foram lidas em alta voz as suas culpas; e logo por todos os juizes e desembargadores sentenciado que morresse por justiça morte natural, e publicamente fosse degolado. E, acabada de ler a sentença, veiu um rei d'armas e dizia: — Porquanto vós, condestavel<sup>1</sup>, por vosso tão grande officio ereis obrigado<sup>2</sup> a ter muita lealdade a vosso rei, e servi-lo e ajudar a defender seus reinos, e vós não o fizestes, antes trabalhastes, e procurastes por lhe offender, e lhe fostes desleal, não mereceis ter tal espada. — E logo lhe foi tirada da mão, e tornou logo a dizer: — Porquanto vós, marquez, por vossa grande dignidade vos foi dada bandeira quadrada, como a principe, e por esta



honra e dignidade, que recebestes, ereis obrigado a guardar a honra e estado de el-rei vosso senhor, e servi-lo, e acatá-lo como natural<sup>3</sup> e verdadeiro rei e senhor, e vós tudo isto fizestes ao contrario, tal bandeira não deveis ter, porque a não mereceis: — e lh'a tomaram<sup>4</sup> logo da mão, e pela mesma maneira e cerimonia lhe tiraram a cota d'armas, até ficar desarmado, em calças e em gibão. E então veio um pregoeiro e um algoz, e com pregão de justiça, em que declarava suas culpas, lhe cortaram a cabeça, de que saiu sangue artificial, que parecia ser de homem vivo. E acabada esta grande cerimonia de justiça, que durou muito, se desceram todos do cadafalso e logo foi posto fogo nelle e à estatua, e o cadafalso todo, assim como estava, foi queimado, coisa que pareceu espantosa. E o marquez, sendo d'isto sabedor, foi mui enojado e triste, e d'ahi a pouco se finou em Castella, onde elle estava.

Garcia de Rezende (1470-1554).

<sup>1</sup> § 111, 3), <sup>2</sup> § 119, p. <sup>3</sup> § 121, *Obs.* 1. <sup>4</sup> § 112, b.

---

175 — Canção (pag. 40 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Junto de um sêco, duro, esteril monte,  
 Inutil e despido, calvo e informe,  
 Da natureza em tudo aborrecido,  
 Onde nem ave vôa, ou fera dorme,  
 Nem corre claro rio, ou ferve fonte,  
 Nem verde ramo faz doce ruido,  
 Cujo nome, do vulgo introduzido<sup>1</sup>,  
 É Feliz, por antiphrase infelice,  
 O qual a natureza  
 Situou junto á parte.  
 Onde um braço de alto mar reparte  
 A Abassia<sup>2</sup> da arabica aspereza,  
 Em que fundada já foi Berenice,



Ficando á parte d'onde  
 O Sol, que nella ferve, se lhe esconde,  
 O cabo se descobre, com que a costa  
 Africana, que do Austro<sup>3</sup> vem correndo,  
 Limite faz, Arómata<sup>4</sup> chamado:  
 Arómata outro tempo; que volvendo  
 Á roda, a ruda<sup>5</sup> lingua mal composta  
 Dos proprios, outro nome lhe tem dado.  
 Aqui no mar, que quer apressurado  
 Entrar por a garganta d'este braço,  
 Me trouxe um tempo e teve  
 Minha fera ventura;  
 Aqui nesta remota, aspera e dura  
 Parte do mundo, quiz que a vida breve  
 Tambem de si deixasse um breve espaço:  
 Porque ficasse a vida  
 Por o mundo em pedaços repartida.  
 Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
 Tristes, forçados, maus, e solitarios,  
 De trabalho, de dôr, de ira cheios:  
 Não tendo, não, sómente por contrarios  
 A vida, o sol ardente, as aguas frias,  
 Os ares grossos, férvidos e feios,  
 Mas os meus pensamentos, que são meios  
 Para enganar a propria natureza,  
 Tambem vi contra mi,  
 Trazendo-me á memoria  
 Alguma já passada e breve gloria,  
 Que eu já no mundo vi quando vivi,  
 Por me dobrar dos males a aspereza,  
 Por mostrar-me que havia  
 No mundo muitas horas de alegria.  
 Aqui estive eu com estes pensamentos  
 Gastando tempo e vida: os quaes tão alto  
 Me subiam nas azas, que caía  
 (Oh, vede se seria leve o salto!)  
 De sonhados e vãos contentamentos  
 Em desesperação de os ver um dia.



O imaginar<sup>6</sup> aqui se convertia  
Em improvisos choros, e em suspiros,  
Que rompiam os ares.

Aqui a alma captiva,  
Chagada toda, estava em carne viva,  
De dôres rodeada, e de pezares;  
Desamparada e descoberta aos tiros  
Da soberba fortuna;  
Soberba, inexoravel, e importuna.

Não tinha parte onde se deitasse,  
Nem esperança alguma, onde a cabeça  
Um pouco reclinasse, por descanso,  
Tudo dôr lhe era, e causa que padeça,  
Mas que pereça não; porque passasse  
O que quiz o destino nunca manso.  
Oh que este irado mar gemendo amanso!  
Estes ventos da voz importunados  
Parece que se enfreiam:  
Sómente o céu severo,  
As estrellas, e o fado sempre fero,  
Com meu perpetuo damno se recreiam,  
Mostrando-se potentes, e indignados  
Contra um corpo terreno,  
Bicho da terra, vil, e tão pequeno.

Luiz de Camões (1524-1589).

<sup>1</sup> § 143. <sup>2</sup> região da Africa, separada da Arabia pelo mar Vermelho, cujos povos se chamam Abyxins ou Abassis. <sup>3</sup> Sul. <sup>4</sup> É o cabo Guardafui na costa. N. E. da Africa. <sup>5</sup> rude. <sup>6</sup> § 222, c.

---

176 — Dois pastores (Pag. 38 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Passavam<sup>1</sup> um dia de um logar para outro; salteou-os uma chuva fria e importuna que os não largou na mór parte da jornada, e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava. Tinha-se adeantado o arce-



bispo, segundo seu costume, que era caminhar quasi sempre só para se occupar com mais liberdade em suas contemplações, e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deus. Offereceu-se-lhe á vista, não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e á chuva, um menino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas, que ao longe andavam pastando. Notou o arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do pobresinho, e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo. Movido de piedade parou, e chamou-o, e disse-lhe que se descesse abaixo para a lapa, e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar.

— Isso não, respondeu o pastorinho, que em deixando<sup>2</sup> de estar áperta, e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

— E que vae nisso? disse o arcebispo.

— A mim me vae muito, tornou elle, que tenho pae em casa, que pelejará comigo, e tão bom dia se não forem mais que brados. Eu vigio o gado, elle me vigia a mim; mais vale soffrer a chuva.

Não quiz o arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que se passára com o menino, e accrescentou: — «E este esfarrapadinho innocente ensina a Fr. Bartholomeu a ser arcebispo<sup>3</sup>. Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o céu, que se este, com tão pouco remedio para as passar, todavia não foge d'ellas, respeitando o mandado do pae mais que o seu descanso, que razão poderei eu dar, se, por medo de adoecer<sup>4</sup>, ou padecer um pouco de frio, desamparar as ovelhas cujo cuidado e vigia Christo fiou de mim, quando me fez pastor d'ellas?»



<sup>1</sup> D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, e os da sua comitiva. <sup>2</sup> § 240, *b.* <sup>3</sup> § 120, *Obs.* 2 <sup>4</sup> § 165.

---

177 — Os livros

São os livros uns mestres mudos que ensinão sem fastio, fallam a verdade sem respeito, reprehendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como á força de tractar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente seus habitos e costumes, tambem á força de ler os livros se aprende a douctrina que elles ensinam: forma-se o espirito, nutre-se a alma com os bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não ha nada com que se compare, e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir.

Padre Antonio Vieira.

---

178 — Carta a el-rei D. João III (pag. 46 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Quem graça ante el-rei alcança  
E ahí falla o que não deve,  
Mal grande de má privança,  
Peçonha na fonte lança,  
De que toda a terra bebe.

.....  
Homem de um só parecer,  
D'um só rosto <sup>1</sup> uma só fé,  
D'antes quebrar que torcer,  
Elle tudo póde ser,  
Mas de côrte homem não é.

.....



Pena e galardão egual  
 O mundo direito tem  
 A uma regra geral,  
 Que a pena se deve ao mal,  
 E o galardão ao bem.

.....  
 Pensamentos nunca cheios  
 Não têm fundo aquelles sacos ;  
 Inda mal porque tem meios  
 Para viver dos mais fracos  
 E dos suores alheios ;  
 Que eu vejo nos povoados  
 Muitos dos salteadores,  
 C'o o nome e rosto d'honrados,  
 Andar quentes e forrados  
 Das pelles dos lavradores.

E, senhor, não me creiaes  
 Se as não acham mais finas  
 Que as dos lobos cervaes,  
 Que arminhos, que zibellinas ;  
 Custam menos, cobrem mais.

Ah ! Senhor ! que vos direi  
 Que acode o vento ás velas ;  
 Nunca se descuide o rei,  
 Que ainda não é feita a lei,  
 Já se lhe são feitas cautellas.

Então tristes das mulheres,  
 Tristes dos orfãos coitados,  
 E a pobreza dos mesteres, <sup>2</sup>  
 Que nem fallar são ousados <sup>3</sup>  
 Deante os mores <sup>4</sup> poderes.

Francisco de Sá de Miranda (1528-1559).

<sup>1</sup> § 251, a    <sup>2</sup> officios mechanicos    <sup>3</sup> ousam.    <sup>4</sup> maiores.



179 -- Sacrificio abominavel (pag. 44 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Enviuvando certa mulher nobre e rica, chamou logo os bracmenes (que são os seus sacerdotes, ou religiosos) e lhes declarou o firme proposito, que comsigo tinha assentado, de se consociar a seu defuncto marido, por meio do sacrificio de fogo, que havia de fazer de si mesma espontaneamente.

Louvaram elles e exaltaram até ás estrellas esta mais que humana generosidade de animo e fidelidade de amor conjugal, e começaram logo a tratar de prevenir tudo o que áquella acção publica e solemnissima era conveniente.

No dia constituido se vestiu a viuva o mais rica e curiosamente que ponde: telas, oiro, prata, perolas, pedras preciosas, sendo tanto, ainda lhe parecia pouco para tão rija festa.

Assim armada montou em um soberbo cavallo branco, com jaezes, testeira e mais arreios cobertos de joias, e de todo o mais corpo do novo e triumphal Bucephalo<sup>1</sup> ia pendente artificialmente enlaçado todo o precioso que havia em seu palacio.

Ella ia com semblante alegre, ao menos no que representava: levava em uma mão uma grande campainha que ia tagendo, em outra um pomo. Lançava os braços a uma e outra parte, como costumam as nossas pélas<sup>2</sup>, já levantando-os, já abaixando-os, já circumgirando um com o outro, e fazendo outros gestos e significações de extraordinario contentamento, em que seu amante coração jubilava, na consideração de estar proxima a feliz hora em que se havia de ver na suspirada companhia de seu consorte.

Ao redor, atraz e adeante iam numerosas turbas de bracmenes<sup>3</sup> e sacerdotes, e feiticeiros, vozeando e fazendo varios esgares, e momos, e ridiculos torcimentos de todo o corpo, e repetindo incansavelmente: *Ram, Ram, saltaé; Ram, Ram, saltaé; isto é, Deus Ram, salvae-nos.*



Descobrimo este feral<sup>4</sup> e satanico triumpho pelas principaes ruas da cidade, veio finalmente a parar onde estava de preciosas e odoríferas madeiras, aguila, canella, calambuca e outras semelhantes, preparada uma alta pyra, e em seu apice collocado um como throno.

Aqui subiu e se assentou aquella miseravel mulher, sem cessar um ponto de fazer os seus gestos; e logo os sacrificulos<sup>5</sup> submeteram fogo á lenha com feixes de vimes, untados primeiro com certa especie de resina preciosa; levantando o clamor todos á uma, espartado mais com varios e sonoros instrumentos, morreu afogada em ondas de chammas aquella desgraçada victima da vaidade, superstição e hyrocrisia.

Padre Manuel Bernardes (1614 1710).

<sup>1</sup> Nome do cavallo de Alexandre Magno. Por extensão: cavallo apparatuso, corsel de batalha. <sup>2</sup> raparigas que bailavam nos hombros d'outras bailadeiras. Figuravam, em certas festividades publicas, procissões, etc. <sup>3</sup> Ou *brâmanes*, sacerdotes dos indios idólatras; gente da casta sacerdotal. <sup>4</sup> funereo, funebre. <sup>5</sup> o que auxiliava o sacrificador das victimas.

---

180 — Pratica de Coge Coffar<sup>1</sup> aos Turcos  
(pag. 47 na 3.<sup>a</sup> ed.)

«Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer<sup>2</sup>, nem a desprezar esses poucos portuguezes, que dentro d'aquelles muros estaes vendo encerrados, por que não chegam a ser<sup>3</sup> mais que homens, inda que são soldados. Em todo o Oriente atégora os acompanhou, ou serviu a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com um limitado poder fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar um imperio sem forças, sustentado na opinião ou fraqueza dos que lhe são sujeitos. Apenas



têm quinhentos homens naquella fortaleza<sup>4</sup>, os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumam a ser os pobres, ou os inuteis: por terra não podem ter socorro; os do mar lhes tem cerrados o inverno. Estão faltos de munições e mantimentos, assegurados na paz, ou na soberba com que desprezam tudo. Como são poucos, sempre naquelle muro hão-de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o logar de outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bateria, e por força os ha-de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que fizeram nas galés do Grão Senhor, no<sup>5</sup> cerco d'esta mesma fortaleza. A tão honrados turcos e valentes janizaros, como os que estaes presentes, toca acudir pela honra da vossa gente e do vosso imperio, como causa mais justa da guerra que fazemos; que, ainda que Cambaya<sup>6</sup> tem exercitos e soldados, não convem á reputação do Grão Senhor<sup>7</sup> vingar suas injurias com as armas alheias.

«Com este fim vos trouxe a esta empreza, porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que agora estaes pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes e as feridas que d'estes homicidas receberam, esperando, por vosso esforço, poderem descansar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á<sup>8</sup> magestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamam reis, precisa a todos os que somos vassallos.»

Jacinto Freire de Andrade (1597-1667).

<sup>1</sup> Albanez de nação e filho de paes catholicos, renegou fazendo-se mahometano. Fora valido do sultão Badur, rei de Cambaya e, por morte d'este, conservou com Mahamed, successor da corôa, a mesma privança. <sup>2</sup> § 227 e 237, g. <sup>3</sup> § 224,4) e § 237, e. <sup>4</sup> a fortaleza de Diu, de que era capitão D. João de Mascarenhas, cidade maritima no reino de Cambaya, na ilha do



mesmo nome. <sup>5</sup> § 157, *a.* <sup>6</sup> antigo reino, hoje, cidade ao N. O. do Indostão, sobre o golpho do mesmo nome. Era muito povoada e rica quando os portuguezes chegaram á India. <sup>7</sup> o sultão. <sup>8</sup> § 132, *a.*

---

181 — Soneto (pag. 49 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Em vão, para tecer-me um ledo <sup>1</sup> engano,  
Philosopho ostentoso industrias cança:  
Diz-me em vão, <sup>4</sup> que, exhalando-se a esperança,  
Repousa na apathia <sup>2</sup> o peito humano:

O nauta a sossobrar no pego <sup>3</sup> insano <sup>4</sup>  
Vê rir-se ao longe a cérula <sup>5</sup> bonança.  
A mente esperançosa enfreia, amansa  
Os roncós e as bravezas do oceano.

Se nos miseros cae da mão dos fados  
O negro desengano, ei-los anciosos,  
E á desesperação, e á furia dados!...

Doirae-nos o porvir, oh céos piedosos!  
Justos ceos! Dêem sequer jardins sonhados  
As flôres da ventura dos desditosos!

Manuel Maria Barbosa du Bocage *Elmano Sadino*, (1765-1805).

<sup>1</sup> alegre. <sup>2</sup> indifferença, indolencia. <sup>3</sup> mar; abysmo. <sup>4</sup> louco, demente. <sup>5</sup> ou cerulea, de côr azul escuro; verde-mar.

---

182 — Caridade de Fr. Bartholomeu dos Martyres  
(Pag. 52 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Estava uma tarde o arcebispo só, entrou o seu alfaiate com uma peça de crisé <sup>1</sup> branca muito fina para lhe cortar uns habitos por ordem do padre frei João de Leiria, que sentia não só serem velhos e gastados os



que o arcebispo trazia, mas já em algumas partes remendados» como vestido que ainda trouxera de Bemfica. Perguntou-lhe o arcebispo se conhecia umas mulheres que lhe nomeou por um rol: eram tres donas<sup>2</sup> honradas, virtuosas e pobres; e, dizendo que sabia d'ellas, mandou-lhe que dissimuladamente levasse a crisé para casa, e logo cortasse d'ellas tres vasquinhas<sup>3</sup>, e feitas lh'as levasse sem descobrir quem as mandava, nem dar contas de nada a frei João. Obedeceu o official; passaram-se alguns dias. Houve frei João que era descuido culpavel a tardança do fato; chamou-o para o reprehender; foi-lhe forçado revelar o segredo. Era muito notavel o sentimento que o arcebispo tinha de se lhe fazer qualquer peça de vestido nova para a sua pessoa. Por humildade havia tudo por mal empregado em si: e pela caridade parecia-lhe que, quanto punha em si, tanto tirava aos pobres, para os quaes só queria tudo.

Mandou-lhe frei João de Leiria fazer habitos sem lhe dar conta, nem preceder medida; e ordenou, porque arreceava que os não quizesse vestir, que, quem tinha cuidado da sua camara, lhe tirasse os velhos, como<sup>4</sup> estivesse deitado, e em seu logar deixasse os novos sem dizer nada. Quando se quiz vestir, sentiu o peso e a differença do fato desacostumada; caiu no engano<sup>5</sup> e chamou depressa pelo cubiculario<sup>6</sup>. Queixou-se asperamente, como se lhe fôra feito algum grande desserviço, e mandou-lhe que na mesma hora lhe tornasse alli os seus habitos. Mas já não havia remedio, que frei João, acautelando-se com tempo, como sabia com quem o havia, na hora que houve á mão o fato velho, logo o mandou dar a um pobre. Disse-lhe o criado o que se passava; quietou-se algum tanto, porém não deixou de ficar queixoso e dando suspiros.

Por dia de Paschoa, querendo ir para a Sé as matinas da Resurreição, pediu a capa. Ao tempo que foi a cobri-la, conheceu que era nova, e disse com dissimulação a quem lh'a dava: — «Deixemos o vestido novo



para outro dia que me enfeite mais devagar; vamo-nos agora ás matinas» — E tomou a capa velha. Tornando para casa achou um familiar, que era seu esmoler secreto e pessoa de confiança; mandou-lhe que com todo o segredo levasse a capa nova, que era de um panno muito fino, que naquelle tempo chamava Contray, a um cidadão nobre, velho e doente, dizendo-lhe de sua parte fizesse d'ella um vestido, e lembrando-lhe que dos retalhos mandasse fazer barretinhos para se valer do frio. Notou frei João de Leiria a falta da capa: não achava rasto do furto. Perguntou por ella a seu dono, que com muita modestia respondeu: — Parece que a levaram os anjos, que andavam nus, para se cobrirem com ella, que vae grande frio.»

Frei Luiz de Sousa (1555-1632).

<sup>1</sup> especie de tecido de lã. Chamava-se tambem *cariséa*. <sup>2</sup> antigamente significava dama, senhora. Do L. *domina*. <sup>3</sup> era uma saia de vestir por cima de toda a roupa, com muitas pregas em volta da cintura. <sup>4</sup> quando, logo que (conj.) <sup>5</sup> percebeu o engano; c. f. «Eu, que cair não pude neste engano» Camões, Lus. V 54. <sup>6</sup> servente de cubiculo, ou cella de religioso. É termo ant.

### 183 — O cravo da India (pag. 51 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Este é o fructo a que Plinio <sup>1</sup> chama *Cariofilo*, palavra, ao que parece, deduzida de *calafur*, que é a com que o nomeiam os persas, por cujas mãos a droga veio ás dos gregos e romanos. Nós lhe chamamos cravo pela semelhança que tem com os que nos servem de cravejar, sendo o seu nome na lingua da terra *chaque*. São as arvores ou craveiros, que o dão, grossos, grandes, ponteagudos; os ramos, que lançam, muitos, mas todos delgados; as folhas tiram ás de loireiro, e tambem cheiram se as quebram, e na bôca requeimam. A madeira é forte e de muita dura. Vem o cravo em



cachos como murtinhos ; é maduro quando a côr é roxa, a qual perde e troca com a cinzenta depois que colhido o põem tres dias a seccar ao sol.

Nascem os craveiros sem beneficio algum d'agricultura, e são tão quentes que toda a humidade da terra chupam, sem lhe deixarem criar erva verde ao redor ; de sorte que, para seccar um arvoredado espesso de qualquer outro matto, o mais facil remedio é plantar uma estaca de cravo no meio d'elle. Porque, quanto esta faz em si, tanto as outras vão perdendo, até acabarem de todo ; e parece que a mesma qualidade passa das plantas ao fructo com vantagem, se é verdade, como temos lido, que, por mais quantidade d'agua que se lance numa casa, onde estiver copia de cravo em seus fardos, assim a sorve e imbebe, que brevemente fica a casa enxuta. E ainda se affirma que, se o metterem numa adega de pipas cheias, as deixará por tempos vazias do vinho. Ha cravo nos ilhêos de Ires e Meitarana, que estão junto a Ternate, e noutros vizinhos a Tidore e ainda em Geilo, e algum em Amboino ; mas o melhor sómente o têm as cinco ilhas Molucas, que respondem cada anno com seis mil bares d'elles, de quatro quintaes e meio, e vinte e quatro arrateis o bar. E emfim d'aqui sae todo o que corre pelo mundo, como tambem a noz e a maçã só as ha na Banda, que são outras cinco ilhetas do senhorio das mesmas Molucas, tão pequenas, que, representando a mais principal d'ellas em seu lançamento a pégada de uma ferradura, não tem de ponta a ponta mais de tres leguas escassas, e na largura não passa de uma legua. Por onde parece que não menos pretendeu o auctor da natureza esconder em tão poucas, e tão pequenas hortas plantadas no meio do Oceano, o fructo d'aquellas arvores, que nas entranhas da terra o oiro e a prata, em prova igual do faro da gula, e vista da cubiça. Que, como esta descobriu o resplendor dos preciosos metaes lá no mais escuro das sombras do inferno, chegando com os olhos onde o sol não tem entrada com a luz, assim levou



após si o cheiro das aromaticas especies <sup>2</sup> ao insaciavel appetite da gente deliciosa <sup>3</sup> por immensos golphãos <sup>4</sup> de mares, com tanta força, ou furia, que vimos naus de gente sisuda, saídas da mesma Hespanha, tomarem, por dar com ellas, umas para levante, outras para poente, e andarem annos inteiros buscando estreitos, e palpando baixos, dobrando cabos, espreitando as conjunções <sup>5</sup> dos planetas, contando mil vezes as estrellas, fazendo-se já avante, já atraz, correndo hoje por um rumo, ámanhã por outro, bem representadas por certo na inquietação e voltas tão differentes e apressadas que na matta espessa e escura faz dar aos cães o cheiro da caça após que andam.

Padre João de Lucena (1550-1600).

<sup>1</sup> escriptor latino. <sup>2</sup> especiarias, drogas aromaticas para temperar a comida (cravo, pimenta, cannella, etc.) <sup>3</sup> amiga de delicias. <sup>4</sup> ou golfãos, golfos. <sup>5</sup> occasião em que dous astros parecem estar um por detrás do outro.

184 — Elegia (pag. 54 na 4.<sup>a</sup> ed.)

O sulmonense Ovidio, desterrado  
 Na aspereza do Ponto <sup>1</sup>, imaginando  
 Ver-se de seus Penates <sup>2</sup> apartado;  
 Sua mulher desamparando,  
 Seus doces filhos, seu contentamento,  
 Da sua patria os olhos apartando;  
 Não podendo encobrir o sentimento,  
 Aos montes já, já aos rios se queixava  
 Do seu escuro e triste nascimento.  
 O curso das estrellas contemplava,  
 E aquella ordem com que discorria  
 O céu, e o ar, e a terra, adonde estava.  
 Os peixes por o mar nadando via,  
 As feras por o monte procedendo  
 Como o seu natural lhes permittia.



De suas fontes via estar nascendo  
Os saudosos rios de crystal,  
Á sua natureza obedecendo.

Assim só, de seu proprio natural  
Apartado, se via em terra estranha,  
A cuja triste dôr não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanha  
Nos soidosos <sup>3</sup> versos que escrevia,  
E nos lamentos com que o campo banha.

D'est'arte me figura a phantasia  
A vida com que morro, desterrado  
Do bem qu'em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,  
Que nunca passará por a memoria  
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduco a debil gloria  
Desenganar meu erro co'a mudança  
Que fez a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança  
Quão pouca culpa tenho, e m'entristece  
Ver sem razão a pena que me alcança;

Que a pena, que com causa se padece,  
A causa tira o sentimento d'ella;  
Mas muito dóe a que se não merece.

Quando a roxa manhã, doirada e bella,  
Abre as portas ao Sol, e cae o orvalho,  
E torna a seus queixumes Philomela <sup>4</sup>,

Este cuidado, que c'o somno atalho,  
Em sonhos me parece que, o que a gente  
Por seu descanso tem, me dá trabalho.

E depois de acordado, cegamente,  
(Ou por melhor dizer, desacordado,  
Que pouco acôrdo logra um descontente)  
D'aqui me vou com passo carregado  
A um outeiro erguido, e alli me assento,  
Soltando toda a redea a meu cuidado.

.....



<sup>1</sup> Mar Negro, chamado Ponto Euxino. <sup>2</sup> deuses domesticos e particulares a cada familia e a cada casa. <sup>3</sup> saudosos. <sup>4</sup> filha de Pandion, rei de Athenas, que foi transformada em rouxinol.

185 — Descrição do Tejo (pag. 61 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Nasce o rio Tejo na provincia Tarragonense, nas serras de Molina, não longe da cidade de Cuenca; segundo outros, ainda mais adeante, junto á villa de Albarracim, d'onde, correndo cento e vinte leguas, se vem metter no mar junto da grande cidade de Lisboa. Na entrada de Portugal, onde já vem rico de outros muitos e grandes rios, a que despojou das aguas e dos nomes, passa regando as villas de Abrantes, Constancia, Tancos; e, vindo á notavel villa de Santarem, ahí a deixa rica não sómente das areias de oiro, tão cantadas da antiguidade, mas tambem com as innundações de cada anno e com os nateiros que d'ellas ficam, e que causam a admiravel fertilidade d'aquelles campos.

Passando duas leguas abaixo de Santarem, vêm as aguas do mar a receber este rio que vae alargando mais. Ao chegar a Lisboa fórma o maior e mais bello porto do mundo, assim pela segura estação das naus, como pela formosissima vista que de si dá á cidade de Lisboa.

As excellencias d'este rio são mais que as de nenhum outro da Europa. Primeiramente pela noticia, que d'elle se tem nas partes do Oriente e outras do mundo, por causa das armadas que d'elle saíram para conquistá-las, d'onde tornaram victoriosas e triumphantes, fazendo tributario o Indo e o Hydaspes e ao celebrado Ganges <sup>1</sup> que cada anno lhe mandam os tributos que pela foz d'elle entram.

A outra excellencia d'este rio é que, entre todos os do mundo, que os escriptores gregos e latinos celebraram de trazer areias de oiro, lhe deram o princi-



pado, como se vê em Plinio, livro 3.<sup>o</sup>, capitulo 4.<sup>o</sup>, onde o prepõe ao Pactolo <sup>2</sup>, ao Hermo <sup>3</sup>, ao Ganges e ao Pallo. Este oiro se acharia, se não fossem as defesas que os reis sobre isso sempre fizeram de se não moverem nem cavarem as areias, por se não areiarem <sup>4</sup> os campos e deixarem de fructificar. Mas o oiro, que em suas areias se creava, era tão puro, que, querendo D. João III que lhe fizessem um sceptro, mandou que lhe buscassem o oiro nas areias do Tejo, do qual se fez um, que muitas vezes vimos nas mãos dos reis, quando faziam côrtes, ou as proclamavam.

Duarte Nunes de Leão (m. em 1608).

<sup>1</sup> Grandes rios da India. O Hydaspes denomina-se hoje Behat, Beiat, ou Betasta, e, do passo de Baramula para baixo, Djelâm. <sup>2</sup> rio tributario do Hermo; acarreta areias d'oiro do monte Tmolo. Nas suas margens ficava a cidade de Sardes, cujas ruinas se chamam Sart. <sup>3</sup> rio da parte da Asia menor, que se denomina Jonia. <sup>4</sup> Areeira é terra safara, séca, deserta como os arenados ou arneiros e areaes. Escrevia-se *areirar* ou *areiar*, com a mesma accepção.

#### 186 — D. Alvaro de Castro vae com reforço socorrer Diu

Em quanto estas cousas passavam, andava D. Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de Junho, tempo em que se não deixam navegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, despresando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavam tão cruzados e soberbos, que comiam os navios; uns abertos com a força do vento, outros sem mastros e desenxarceados andavam sem governo á vontade das ondas, e se iam alagando por um e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. D. Alvaro, obstinado em socorrer Diu,



andava a uma parte e a outra errando, vendo-se por momentos sossobrado; até que com o trabalhar do navio lhe saltou o leme fóra, com o que, impaciente, arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomaram differentes portos e enseadas... Apenas reparou os navios, poz a prôa em Diu, e não se deu descanso em quanto se não viu com os seus, luctando com os perigos da terra, assim como havia luctado com os do mar.

Jacinto Freire d'Andrade.

---

187 — Uma tempestade no mar

Era espectaculo por uma parte lastimoso, por outra muito proprio de fé e devoção catholica ver a não com as arvores sêcas, os mastaréos calados, as vergas abatidas e prolongadas, já subindo ás nuvens, já descendo aos abysmos, e os passageiros todos com os rosarios nas mãos. Todos desanimados, areados, pasmados, e vivos já com a côr e similhaça de defunctos; todos titubeando, e não se podendo ter em pé, arremeçados com o balanço da não d'um bordo para outro bordo; todos fóra de si, sem juizo, sem advertencia, e sem tino, porque toda a sua arte e sciencia nautica se tinha já perdido.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

---

188 — Uma tempestade (pag. 92 na 4.<sup>a</sup> ed.)

(DOS LUSIADAS)

Mas neste passo assim promptos estando,  
Eis o mestre, que olhando os mares anda,  
O apito toca; acordam despertando  
Os marinheiros d'uma e d'outra banda;



E, porque o vento vinha refrescando.  
 Os traquetes das gaveas tomar manda :  
 «Alerta, disse, estae, que o vento cresce  
 D'aquella nuvem negra que apparece.»

Não eram os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande e subita procella :  
 «Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
 Amaina, disse, amaina a grande véla !»  
 Não esperam os ventos indignados  
 Que amainassem : mas, juntos dando nella,  
 Em pedaços a fazem, c'um ruido  
 Que o mundo pareceu ser destruido.

O céu fere com gritos nisto a gente,  
 Com subito temor e desacordo,  
 Que, no romper da véla, a não pendente  
 Toma grão somma d'agua pelo bordo.  
 «Alija, disse o mestre rijamente,  
 Alija tudo ao mar, não falte acordo.  
 Vão outros dar á bomba, não cessando :  
 Á bomba, que nos imos <sup>1</sup> alagando.»

Correm logo os soldados animosos  
 A dar á bomba, e, tanto que chegaram,  
 Os balanços que os mares temerosos  
 Deram á nao, num bordo os derribaram.  
 Tres marinheiros duros e forçosos  
 A manear <sup>2</sup> o leme não bastaram ;  
 Talhas <sup>3</sup> lhe punham d'uma e d'outra parte,  
 Sem aproveitar dos homens força e arte.

.....

Agora sobre as nuvens os subiam  
 As ondas de Neptuno <sup>4</sup> furibundo,  
 Agora a vêr parece que desciam  
 As intimas entranhas do profundo.



Noto, Austro, Bóreas, Áquillo <sup>5</sup> queriam  
 Arruinar a machina do mundo ;  
 A noite negra e feia se alumia  
 Co'os raios em que o pólo <sup>6</sup> todo ardia.

.....  
 ..... Os ventos que luctavam,  
 Como toiros indomitos bramando,  
 Mais e mais a tormenta acrescentavam,  
 Pela miuda enxarcia assoviando ;  
 Relampados <sup>7</sup> medonhos não cessavam,  
 Feros trovões, que vêm representando  
 Cair o céu dos eixos sobre a terra,  
 Comsigo os elementos terem guerra.

Luiz de Camões (1524-1580).

<sup>1</sup> vamos. <sup>2</sup> ou *manejar*, mover com a mão. L. MANUS, mão. Man-ear, -eador, -eavel, -eio ; manej-ar, -o ; mant-er, -ença, -imento ; manuten-ção, -encia, -ível ; mang-a ; desmanch ar, -o, -adão, -adiço ; mancipio, emancip-ar, -ação, -ado ; maneir-a, -ista, -eiro, amaneir-ar ; maniatar ; manicordio ; manicula ; manicurto ; manietar, maniota ; manipul-ar, -ação, -ador, -ario, -o, maniquete ; manirrô-to ; manistergio ; manita ; manivella ; manobr-a, -ar, -eiro, -ista ; manual ; manuduc-ção, -tor ; manufact-urar (*manu facere*, fabricar à mão), -ura, -o ; manumiss-ão (*missus*, p. de *mittere*, enviar), -or, manumittir ; manuscripto ; adminicul-o, -ante, -ar (*ad manus*) ; bimano (*bis*, dous) ; quadrumano (*quatro*, quatro) ; mão-cheia, mão-pendente, mão-posta, mão-tenente, mão-tente, mão-zudo. <sup>3</sup> cordas. <sup>4</sup> deus dos mares. <sup>5</sup> Noto e Austro, o vento do sul ; Boreas e Aquilo, o vento do norte. <sup>6</sup> aqui significa o céu. <sup>7</sup> relampagos.

189 — Carta familiar <sup>1</sup>

SENHOR :

Ainda não posso dar a vossa senhoria tão boas novas, como creio vossa senhoria deseja desta minha



terrivel pensão<sup>2</sup> que todos os annos pago a Coimbra. Mas agora se aparta d'aqui o doutor Sanfins, e me affirmou que estava sem febre, posto que esta noite não faltou o costumado crescimento; mas a mim me basta que não seja habitual, que é o que mais temo, pelo habito em que está este collegio de degenerarem nelle as febres em tizicas<sup>3</sup> e eticas<sup>4</sup>. Vossa senhoria me ensina a me conformar em tudo com a vontade de Deus, e assim procuro de o fazer.

Muito estimarei ouvir da boca de vossa senhoria o ponto do sermão da semana santa, e a resposta de vossa senhoria á proposta d'elle. Em fim, o juizo de vossa senhoria sempre e em tudo é o mesmo; assim o tivera Portugal por piloto em todas as suas tempestades.

Grandes prodigios se referem de perto e de longe. De Melgaço vi carta de um notavel meteoro<sup>5</sup>, que correndo da parte de Valença do Minho, e durando por muito espaço, se desfez sobre Galliza em raios e coriscos: era de figura de uma espada de côr verde e amarella, que saía de duas pequenas nuvens, uma branca e outra vermelha, e com a mesma figura foi visto em outras partes. No collegio dos thomaristas d'esta cidade, se viu depois da meia noite um globo de fogo que nascia na parte do sueste, e subia por espaço de duas ou tres horas até se desfazer, e continuou algumas noites. Em Guimarães vomitou um homem enfermo um dragão com duas azas de comprimento quasi de um covado, da cabeça até o meio largo de dois dedos, vermelho e escuro, do meio para a cauda mais delgado, e de côr parda. Em Roma se escreve houve tres dias de nevoas tão espessas e escuras, que se não viam os homens nem os edificios, e que as trevas eram palpaveis como as do Egypto<sup>6</sup>. Tudo são signaes e prodigios que solemnisam as vespervas do anno fatal, por cujas maravilhas nenhum ha já tão incredulo que não espere. Espero eu que á pessoa de vossa senhoria e do senhor marquez, que Deus guarde, ha-de caber uma



grande parte das felicidades, como instrumentos mui principaes das do nosso reino, para que Deus tem guardado a corôa de todos. Sua Divina Magestade e misericordia se esqueça de nossos peccados, e no-las deixe vêr, e a vossa sonhoria guarde Deus muitos annos, como desejo e havemos mister. Coimbra 4 de maio de 1665.

Capellão e menor criado de vossa senhoria

Padre Antonio Vieira.

<sup>1</sup> escripta a D. Rodrigo de Menezes. Esta carta é interessante, entre outros titulos, por mostrar como no seculo xvii pessoas da illustração do padre Vieira davam credito aos maiores absurdos. <sup>2</sup> refere-se a doença. No sent. propr. pagamento, quantia paga; do L. *pensionem*; raiz PENS (sup. *pensum* de *pendere*, 1) no sent. activo, examinar o peso; *fig.* pesar, examinar, avaliar; 2) no sent. neutro, ter peso, pesar; 3) pagar, expiar). Pensionar, -ario, -eiro, -ista; COMPENS-ar (propr. contrabalançar, equilibrar), -ação, -ador, -ativo, -atorio; recompens-ar, (propr. compensar um serviço), -a, -ador, -ativo; DISPEND-er (ou *des*), -io, -ioso, despens-a, -eiro, despesa; DISPENS-ar (litt. 1) pesar a diversos, e 2) isentar da *pensão* imposta), -a, -ação, -ador, -ativo, -avel, indispensavel; pes-ar (d'um typo L. *pensare*, frequent. de *pendere*), -ada, -ado, -ador, -agem, -adelelo, -o (L. *pensum*, coisa pesada), contrapes-o, ar, repes-o, -ar, -ador, sopes-ar, o, pesa-leite, pesallicor; vilipend-io, -iar, -iador, -ioso. <sup>3</sup> ou phthisica (G. *phthiós*, eu destruo). Tisico, enthisicar, ou entisicar. <sup>4</sup> ou hectica (G. *hektikos*, continuo), febre continuada. <sup>5</sup> todo o phenomeno que se passa na atmospherica, como o raio, os relampagos, o arco-iris, a chuva, a saraiva, etc. Raiz G. *aër*, ar. G. *Meteóros*, lit. que está no ar; atmospherico; de *meta*, no meio de, e *aióros*, suspenso. Meteor-ico, -isar (inchar por effeito d'um gaz accumulado no interior: *a luzerna meteorisa o gado*), -isação, -ismo (inchamento do abdomen, devido a gases que nelle se accumuliam), meteorologia (*Logos*, discurso, tratado; parte da physica que trata dos phenomenos atmosphericos), logico, -logista, -graphid (*grapho*, escrevo, descrevo), grapho, -litho (*lithos*, pedra), -scopio (*skopeo*, examino, vejo). <sup>6</sup> refere se a uma das pragas que a Biblia diz Moisés fizera cahir sobre o Egypto.



## 190 — Um Sitio ameno

Iluminava então o sol os arvoredos, cujos ramos, meneados brandamente da matutina viração, mostravam diferentes côres, mas todas naturaes e concertadas. As aves, igualmente deleitosas aos olhos e ouvidos, enchiam a vista de formosura, a orelha de harmonia. Nenhum animal ostentou a força, ou a ligeireza; as brenhas e as florestas respiravam saude, nunca penetradas d'algum venenoso bicho. Corria o ar não só puro, mas perfumado das flôres, sobre as quaes passava sua leve viração. Eminentos os outeiros e profundos os valles, em sua desproporção conservavam architectura rigorosa e agradável: aquelles<sup>m</sup> pejando o vento de ramos soberbos, e estes, despejados de todo o impedimento das florestas, convidavam as mãos ao roubo, e as plantas ao passeio sobre hervas saudaveis e cheirosas.

Pouco distante da praia se descobria um sitio onde parece que a natureza havia esmerado todos seus primores. Formava um campo breve e redondo, cujas paredes eram de loureiros, iguaes na rama e altura, a quem como verde tapeçaria de folhagens aformoseavam bastissimas heras. Em a parte superior se via uma arvore que, como mais mimosa dos elementos, subia sobre todas as outras; seu nome foi ignorado, assim sua formosura. Havia o tempo aberto em seu tronco uma capaz morada, toda coberta de finissimo musgo. A vizinha ribeira, que da serra ao mar contente ia caindo, ministrava áquelle sitio a delicia e a commodidade; serviam-lhe de ladrilho as mimosas areias, que o rio por sobejas enjeitava e despia da corrente, e se espalhavam por uma contramargem, sem damno da amenidade dos prados, que lhe serviam de leite.



191 — A ilha dos amores (pag. 119 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Tres formosos outeiros se mostravam  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornavam  
 Da formosa ilha, alegre e deleitosa.  
 Claras fontes e limpidas manavam  
 Do cume, que a verdura tem viçosa;  
 Por entre pedras alvas se deriva  
 A sonora limpha <sup>1</sup> fugitiva.

Num valle ameno, que os outeiros fende,  
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,  
 Onde uma mesa fazem, que se estende  
 Tão bella, quanto póde imaginar-se.  
 Arvoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está para afeitar-se <sup>2</sup>,  
 Vendo-se no crystal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao céu subindo,  
 Com pomos odoriferos e bellos;  
 A laranjeira tem no fruto lindo  
 A côr que tinha Daphne <sup>3</sup> nos cabellos;  
 Encosta-se no chão, que está caíndo,  
 A cidreira co'os pesos amarellos.

.....

As arvores agrestes, que os outeiros  
 Têm com frondente coma <sup>4</sup> ennobrecidos,  
 Alemos são de Alcides <sup>5</sup>, e os loireiros  
 Do loiro deus <sup>6</sup> amados e queridos;  
 Myrthos de Cytheréa <sup>7</sup>, co'os pinheiros  
 De Cybele <sup>8</sup>, por outro amor vencidos;  
 Está apontando o agudo cypariso <sup>9</sup>  
 Para onde é posto o ethereo paraiso.



Os dons que dá Pomona <sup>10</sup>, alli natura  
 Produze <sup>11</sup> differentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura,  
 Que sem ella se dão muito melhores :  
 As cerejas purpureas na pintura,  
 As amoras, que o nome têm de amores,  
 O pomo, que da patria Persia veiu <sup>12</sup>,  
 Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romã, mostrando a rubicunda  
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes ;  
 Entre os braços do ulmeiro está a jocunda  
 Vide c'uns cachos roxos e outros verdes ;  
 E vós, se na vossa arvore fecunda,  
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,  
 Entregai-vos ao damno que co'os bicos  
 Em vós fazem os passaros inicos <sup>13</sup>.

Pois a tapeçaria bella e fina,  
 Com que se cobre o rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia <sup>14</sup> menos dina <sup>15</sup>,  
 Mas o sombrio valle mais ameno.  
 Alli a cabeça a flôr Cephisia <sup>16</sup> inclina  
 Sôbolo <sup>17</sup> tanque lucido e sereno ;  
 Florece o filho e neto de Cyniras <sup>18</sup>,  
 Por quem tu, deusa Paphia <sup>7</sup>, inda suspiras.

Para julgar difficil coisa fôra,  
 No céu vendo e na terra as mesmas côres,  
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,  
 Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.  
 Pintando estava alli Zephiro e Flora  
 As violas, da côr dos amadores ;  
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,  
 Qual reluze nas faces da donzella;



A candida cecem, das matutinas  
 Lagrimas rociada, e a mangerona;  
 Vêem-se as letras nas flores hyacintinas <sup>19</sup>,  
 Tão queridas do filho de Latona <sup>20</sup>;  
 Bem se enxerga nos pomos e boninas,  
 Que competia Chloris <sup>21</sup> com Pomona;  
 Pois se as aves no ar cantando voam,  
 Alegres animaes o chão povoam.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,  
 Responde-lhe do ramo Philomella <sup>22</sup>;  
 Da sombra de seus cornos não se espanta  
 Acteon <sup>23</sup> n'agua crystallina e bella;  
 Aqui a fugace lebre se levanta  
 Da espessa mata, ou timida gazella;  
 Alli no bico traz ao caro ninho  
 O mantimento o leve passarinho.

Luiz de Camões (1524-1580).

<sup>1</sup> agua. <sup>2</sup> enfeitar-se. <sup>3</sup> filha do rio Peneo e da deusa Terra; foi trasformada em loireiro. <sup>4</sup> cabelleira, no sent. fig. copa das arvores. <sup>5</sup> um dos nomes de Hercules. <sup>6</sup> Apollo. <sup>7</sup> Venus. <sup>8</sup> filha do Céu e da Terra; mãe dos deuses e por isso chamada Magna Mater. <sup>9</sup> Cypariso, era neto de Hercules. Apollo o converteu em cypreste. <sup>10</sup> deusa dos fructos e dos jardins. <sup>11</sup> produz (paragoge). <sup>12</sup> o pecego. <sup>13</sup> iniquos, injustos, máus. <sup>14</sup> região da Persia onde se fazem as melhores alcatifas e tapeçarias. <sup>15</sup> digna. <sup>16</sup> é o narciso, em que foi metamorphoseado Narciso, filho de Cephiso e da Nympha Liriope. <sup>17</sup> sobre o. <sup>18</sup> Adonis, filho de Cyniras, rei de Chypre e de Myrrha; foi metamorphoseado em anémoma. <sup>19</sup> de Hyacinto, metamorphoseado por Apollo em uma flor (o jacintho) com as letras A I em lembrança do *ai* que Hyacinto deu quando caiu morto. <sup>20</sup> Apollo. <sup>21</sup> nome de Flora antes de casar com Zephyro. <sup>22</sup> filha de Pandion, convertida em rouxinol. <sup>23</sup> filho de Aristeo; sendo metamorphoseado por Diana em veado, foi despedaçado immediatamente pelos seus cães.



192 — Descrição da cidade de Belem <sup>1</sup> na Judéa  
(Pag. 35 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Belem, cidade santa e patria do propheta David, onde teve por bem nascer o Salvador do mundo, do presente (1553) é uma pequena povoação que tem pouco mais de duzentos visinhos <sup>2</sup>, segundo me affirmaram alguns d'elles a quem o perguntei, ainda que menos parecem, por estarem as casas meio subterraneas.

São tantos os casaes dos christãos como os dos moiros, gente pobre e miseravel, em especial os moiros. Os christãos todos, no espirital, são sujeitos ao patriarcha dos gregos; além das muitas superstições que os gregos têm em si, em toda a parte onde não obedecem á egreja romana, têm os que vivem nesta terra outras muito peores, tomadas dos moiros, entre os quaes nascem e com quem se criam e conversam toda a sua vida. Nem entre uns e outros, no vestido e traço, ha outra differença, que trazerem os moiros uma pequena faixa na cabeça, e os christãos listrada, os que a trazem, posto que a gente pobre, pela maior parte, não traz mais que um pedaço de sombreiro velho, a modo de capacete, e digo velho, por não me lembrar que o visse a algum novo. As mulheres todas andam de uma maneira, ao uso da terra.

Nos comerres e enterramentos, no prantear os mortos, solemnisar bodas, são todos mui conformes, não sómente em Belem, mas em todas as partes onde vivem de mistura; nem é de maravilhar, porque os christãos, que são naturaes da terra e seguem o rito grego, todos indifferentemente são canalha; e o que parece melhor, sem escrupulo se deve ter por peor, salvo em condições, pois vemos, em animaes bratos de uma mesma natureza, uns serem mais domesticos do que outros.

Aqui, em Belem, os christãos têm melhor o necessario para a vida que os moiros, porque se dão á lavoura; semeiam muito trigo, têm muitas e boas vinhas,



e commummente os moiros servem os christãos em lh'as concertar e guardar no tempo, e lhes lavram as terras, e lhes guardam o gado e fazem todo outro serviço. Mas nem por isso nos vestidos andam uns melhorados dos outros.

As vinhas junto a Belem, e as de toda aquella comarca são muito fructiferas, e a maior parte assyrias<sup>3</sup>, de que fazem muito bom vinho. com licença do governador da terra, posto que em toda a Palestina<sup>4</sup> se não vende atavernado, nem menos em publico. Eu medi com minha mão, junto a Belem, um cacho que passava de covado. Tambem ha de redor de Belem muitos olivæes e figueiras.

Fr. Pantaleão d'Aveiro (Seculo XVI).

<sup>1</sup> cidade antiga da Galiléa, perto de Jerusalem, outr'ora capital da Palestina. O nome de Belem, Bethelcem, ou Ephrata, quer dizer «casa de pão, ou celleiro», naturalmente por sua fertilidade comparada com outros terrenos da Judéa. <sup>2</sup> familias. <sup>3</sup> da Assyria, região da Asia. <sup>4</sup> região da Asia, que ainda hoje se chama *Terra Santa* e à qual os arabes dão o nome de Fales-thian. Está situada na provincia da Syria e é um paiz arido, inculto e quasi deserto.

193 — Ode ao desterro do poeta (pag. 62 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Maldito o bonzo<sup>1</sup>, e mais maldito o nayre<sup>2</sup>  
Que, calumnioso<sup>3</sup>, urdiu o meu desterro;  
Malditissimo o estúpido fanatico

Que encommendou a queima!

Oh patria! oh patria! e pude assim banido,  
Co'os olhos arrazados de agro pranto,  
(Não estalei de magoa?) — despedir-me

De ti, querida patria?

Oh patria, que vês ir o teu alumno  
Desterrado sem culpa, e não abraças  
Um diamantino escudo, com que o cubras!



Não empunhas mil lanças,  
 Co'as mil destras de teus valentes filhos ?  
 Não pões em fuga stolidos satellites  
 Do infame tribunal ? <sup>4</sup> não mandas a Africa  
 Taes busires <sup>5</sup> de loba ? <sup>6</sup>

Porque não clamas hoje arrependida  
 D'essa culpada inercia : «Oh povo ! oh lusos !  
 Abri, abri os olhos fascinados

Com religiosas mascaras ?

Nunca Deus ensinou fraudes, embustes ;  
 Doutrina sim de amor, de piedade ;  
 Tratos, barações, fogos são invento  
 De ávida hypocrisia.

Nem o zêlo estanqueis nessas estereis  
 Saudades de innocentes desterrados,  
 Dos homens, que estimaes, que honraes na ausencia,  
 Por letras, por talentos.

Honrae-os com mais solidos serviços :  
 Descosei, ou cortae a trama iniqua,  
 A calumnia enredosa, que poz pulso  
 Ao demerito <sup>7</sup> exilio.

Lá se empreguem as forças, vozes clamem,  
 Vozes que atroem, forças que derribem  
 Hypocritas colossos <sup>8</sup>, mentes surdas  
 De ignorante governo.»

Vejo!... ou falsa esperança me hallucina !  
 Vejo os lusos, no alcance de alta gloria,  
 Rasgar o véo do engano, arremessar-se  
 Às detestaveis portas ;

Arrombar, arrasar... olhar o centro  
 D'esse antro de atrocissimas cruezas ;  
 Pasmarmos de indignação vendo mysterios...  
 De bruta barbaria ;

Arredar o tropel de familiares <sup>9</sup>,  
 De carcereiros tetricos, de algozes,  
 Espedaçar cordeis e cavalletes ;

E os arrancos dos tratos ;  
 Queimar processos, destroçar denuncias ;



E os deputados verem, cabisbaixos,  
De par em par abertas as masmorras,  
E os réos á luz do dia.

Vem, vem, dia feliz e suspirado,  
Dar alegria á Europa, aos sabios honra,  
Aos sabios que accenderam essa tocha,  
Com que a illusão se abrasa.

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*, 1734-1819).

<sup>1</sup> padre chinez ou japonez da religião budhista. <sup>2</sup> nome que os indios do Malabar dão a seus nobres, sobretudo militares. <sup>3</sup> § 109, *Obs.* 1. <sup>4</sup> a Inquisição. <sup>5</sup> tyranno cruelissimo. <sup>6</sup> batinha ou *samarra* de ecclesiastico. <sup>7</sup> não merecido. <sup>8</sup> estatua de extraordinarias dimensões; personagem de alto valimento. <sup>9</sup> do Santo officio, i. é, da Inquisição.

---

#### 194 — Carta de agradecimento <sup>1</sup>

Reverendo Snr.

Muito tenho que agradecer a Vm.<sup>ce</sup> o occorrer-lhe o meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos, sendo tanto maior o agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e, supposto que não desconheça, ou deixe de apreciar a honra que Vm.<sup>ce</sup> me faz, é justo tambem que me não induza o amor proprio a abuzar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem, pois até ao presente não tenho mostrado composição, por onde pudesse adquiri-la, e, fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel, que a perderia de todo se saísse á luz



com algum volume. Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me causa confusão, discorro que também Vm.<sup>ce</sup> se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria extranho á exacção e boa critica de Vm.<sup>ce</sup> entrar na Bibliotheca Lusitana entre os auctores, um individuo, que o não é. No seu livro terei que invejar aos varões, que pelos trabalhos se fizeram dignos dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a sua bondade me queria dar nelle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa, servindo a Vm.<sup>ce</sup>, mostrar o meu reconhecimento.

Alexandre de Gosmão.

<sup>1</sup> A Diogo Barbosa Machado, auctor da Bibliotheca Lusitana.

---

### 195 -- Outra

Ill.<sup>mos</sup> e R.<sup>mos</sup> Srs. — Penetrado de reconhecimento e gratidão, dou a vv. s.<sup>as</sup> as mais sinceras e rendidas graças pelo parabem, que se dignam dirigir-me, da minha elevação á alta dignidade de Cardeal, e pelas expressões de benevolencia, com que acompanham este generoso obsequio. Não posso gloriar-me de merecer tão distincta honra; mas desejo, por certo, fazer-me cada vez menos indigno d'ella, e para este fim aproveitarei em meu auxilio os religiosos exemplos do Ill.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Cabido de Portalegre, ao qual me acho ligado não só pelas relações canonicas, mas também pela veneração que professo a todos os seus membros. — Deus guarde a vv. s.<sup>as</sup> por muitos annos. — De vv. s.<sup>as</sup> — muito attento e respeitoso vn.<sup>or</sup> — *F. Cardeal Patriarcha de Lisboa.*

Ill.<sup>mos</sup> e R.<sup>mos</sup> Srs. Presidente e Membros do Cabido da Santa Egreja de Portalegre.



196 — O Hyssope (pag. 66 na 4.<sup>a</sup> ed.)

PROPOSIÇÃO E INVOCACÃO

Eu canto o bispo <sup>1</sup> e a espantosa guerra  
 Que o hyssope <sup>2</sup> excitou na egreja d'Elvas.  
 Musa <sup>3</sup>, tu que nas margens apraziveis  
 Que o Sena <sup>4</sup> borda de arvores viçosas,  
 Do famoso Boileau <sup>5</sup> a fertil mente  
 Inflammaste benigna, tu me inflamma;  
 Tu me lembra o motivo; tu as causas  
 Porque a tanto furor, a tanta raiva  
 Chegaram o prelado e o seu cabido <sup>6</sup>.

.....

PRINCIPIO DA EXPOSIÇÃO

Reinava a doce paz na santa egreja.  
 O bispo e o deão, ambos conformes  
 Em dar e receber o bento byssope,  
 A vida em ócio santo consumiam.  
 O bom vinho de Malaga <sup>7</sup>, o presunto  
 Da celebre Montanche, as gallinholas,  
 As perdizes, a rola, o tenro pombo,  
 O gran'chá de Pekin <sup>8</sup> e lá da Moca <sup>9</sup>  
 O cheiroso café, em lautas mezas,  
 Do tempo a maior parte lhes levavam;  
 E o restante, jogando exemplarmente,  
 Ou dormindo, passavam sem senti-lo.

.....

NÃO QUER O DEÃO OFFERECER O HYSSOPE AO BISPO

Era dia de festa, e, na alta torre  
 Da grande cathedral, de vinte sinos  
 O grave carrilhão, rompendo os ares,  
 Os freguezes chamava á grande missa;  
 Quando sua excellencia vigilante  
 Para a sé lentamente se encaminha.



Tu, jocosa Thalia <sup>10</sup>, agora dize  
Qual seu espanto foi, sua surpresa  
Quando á porta chegando costumada  
Nella o deão não viu, não viu o hyssope.  
Tanto foi da Discordia o féro influxo!  
Caminhante que vê subito raio  
Ante seus pés cair, ferindo a terra,  
Tão suspenso não fica, tão confuso,  
Como o grave prelado: a cor mudando,  
Um tempo immovel fica; mas a raiva  
Succedendo ao desmaio, entra escumando  
Na grande sacristia, e d'alli passa  
Para o altar mór, onde se reveste,  
Onde, como costuma, em contra-baixo,  
Sem saber o que diz, a missa canta.  
Toda aquella manhã uma só benção  
Sobre o povo não lança, antes confuso,  
Em profundo silencio á casa torna,  
Onde, logo a conselho convocando  
Toda a grande familia, assim lhe falla:  
«Amigos, companheiros, que o Destino  
Fez de meu mal e bem participantes,  
O caso sabereis mais execrando,  
Que até hoje no mundo se tem visto.  
O deão...» (E aqui dando um gran soluço,  
Em pranto as negras faces todas banha;  
Suspenso um pouco fica, e logo torna:)  
«O soberbo deão, que sempre attento  
Ao meu alto decoro, o santo hyssope  
Vinha trazer-me á porta do cabido,  
Hoje não só deixou de vir render-me  
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!) <sup>11</sup>  
Este obsequio devido ao real sangue  
Que nas veias me pulsa heroicamente,  
Mas, na sua cadeira empantufado,  
Os psalms entoava, em mim fitando  
A carrancuda vista; de tal sorte  
Que mostrava insultar-me e com desprezo,



A raiva e o gran furor, que a alma me occupam,  
 Me têm fóra de mim; não sei que faça  
 Para vingar tão grande e atroz delicto.  
 Vós conselho, vós artes, vós maneira  
 (Pois a vós tambem chega a grande affronta)  
 Me dae, para punir este atrevido.»

.....

#### O JANTAR DO BISPO

Já na soberba mesa cem terrinas,  
 O vapor mais suave derramando,  
 A insaciavel gula provocavam,  
 Quando chegaram ao cheiro os convidados,  
 Que, feitos os devidos cumprimentos,  
 Sem distincção, em torno se assentaram.  
 Começam a chover logo os manjares.  
 Com perdizes, com pombos vêm voando  
 Cem especies de môlhos, cem de assados,  
 Grandes tortas, timbales, pasteis, crèmes  
 Cobrem com symetria a grande mesa.  
 A cabeça não falta de vitella,  
 Nem do gordo animal a curta perna,  
 Cozida em branco leite, ou doce vinho.  
 Mil fructas, mil corbelhas <sup>12</sup>, mil compotas  
 Á terceira coberta logo adornam;  
 E em doirados crystaes, ó loução Baccho <sup>13</sup>,  
 De tuas plantas brilha o roxo sumo.  
 Entretanto na porta do palacio  
 A cem pobres o bicho <sup>14</sup> da cosinha,  
 Per <sup>15</sup> ordem do pastor <sup>16</sup> caritativo,  
 Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que em torno sempre giram,  
 Brevemente propoz o gordo bispo  
 Aos bons capitulares <sup>17</sup> seu projecto,  
 Que todos approvaram, e alli juram  
 Pelo doce licor, que impetuoso  
 Pelas veias e cerebro lhes corre,



De o sustentar, até darem as vidas  
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta meza, entre as delicias,  
Largas horas passaram docemente:  
Em um queijo de Parma <sup>18</sup> inda roía  
A alegre companhia, pastejando <sup>19</sup>,  
Quando das santas vespervas, na torre,  
Fez signal o relógio. Descontentes  
Ao triste som do aborrecido sino  
Se levantam em pé os prebendados <sup>20</sup>,  
E, fazendo uma longa reverencia,  
Correm velozes, por fugir da multa,  
A ganhar no alto coro os seus assentos :  
Alli mesmo, primeiro que rezassem,  
A seus sabios collegas propozeram  
Que, para resolver certo negocio  
De maior interesse ao grande corpo,  
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,  
Em que o deão da terra se ausentava,  
Se ajuntasse o cabido. Na proposta,  
Sem nenhum discrepar, todos concordam.

Antonio Diniz da Cruz e Silva (*Elpino Nonacriense*, 1731-1799).

<sup>1</sup> V. o trecho 77. <sup>2</sup> instrumento que serve para fazer aspersões de agua benta. <sup>3</sup> as musas eram nove, presidiam ás sciencias e artes: Clio, Melpomene, Thalia, Euterpe, Terpsichore, Erato, Calliope, Urania e Polymnia. O chefe das musas era Apollo, deus da poesia, da musica e das artes e habitava com ellas os montes Parnaso, Helicon, Pierio, e Pindo, as margens do rio Permesse, a fonte Castalia e a de Hippocrene. <sup>4</sup> rio de França; passa por Paris, e vae desaguar no oceano Atlantico, no porto do Havre. <sup>5</sup> leia-se Buâlô, poeta satyrico francez auctor d'outro poema heroi-comico *Le Lutrin*, a *Estante do côro*. <sup>6</sup> corporação dos conegos de uma sé. <sup>7</sup> cidade de Hespanha sobre o Mediterraneo. Faz grande commercio de preciosos vinhos. <sup>8</sup> capital do imperio chinez. <sup>9</sup> cidade da Arabia no Yémen. <sup>10</sup> musa da comedia. <sup>11</sup> é de Camõ s este verso (Lus. canto V —56.) só com a mudança da interj. *Oh!* em *Ah!* Nojo, além da accepção de tedio, asco, aversão, significava tristeza, grande magua. Ainda se diz tomar nojo, que neste caso quer dizer lucto, dó. <sup>12</sup> cesta para ter flôres, fructas, etc. <sup>13</sup> deus do vi-



nho. <sup>14</sup> moço que trabalha sob as ordens do cosinheiro. <sup>15</sup> o mesmo que *por*. <sup>16</sup> no sent. fig. pastor é o cura d'almas. Aqui refere-se ao bispo. <sup>17</sup> capitulo é a corporação de conegos de uma cathedral ou collegiada. Este vocabulo tem varias outras accepções O adj. capitulares, refere-se a padres mas é empregado no texto como subst. <sup>18</sup> cidade de Italia. Foi outr'ora um ducado. Dá-se o nome de *parmezão* a um queijo muito conhecido, que se fabrica nos arredores de Lodi. Os habitantes de Parma é que o introduziram no commercio. <sup>19</sup> *pastando*, *comendo*. É verbo frequentativo. <sup>20</sup> que tem *prebenda*. Esta palavra significa primeiro a ração diaria fornecida aos frades, depois o rendimento d'um canonicato (dignidade de conego), e por ultimo o proprio canonicato; *prebend-ado, -aria, -eiro*. Raiz HAB, ás vezes HIB, L. *habere*, haver; rehavere; debil (L. *debilis*, contrac. de *dehabilis*, composto de *de*, priv. e de *habilis*, que está em bom estado, de saude), *-idade itação, -itador, -itamento, itante, itar, -mente*; EXHIB *ir, -ição, itorio*, do L. *exhibere* (*ex, habere*), lit. ter fora; habil (L. *habilis*, capaz de ter) *-idade, -idoso, -mente, habilit-ar, -ação, -ado, -idor, -anço, -ando, ante* (comp. com *re* e *in*); HABIT *o, -ual, -uar, deshabetuar, HABIT-ar* (L. *habitare*, freq. de *babere*, ter muitas vezes; morar), *-acção, aculo, -ado, -ador, -ante, at, -avel* (com. com *des* e *in*); INHIB *ir* (propr. reter, não ceder), *-ição, -itivo, -itorio*; OPPROBRIUM, L. *opprobrium* (*ob, probrum* que está por *prohibrum*, de *prohibere*); PROHIB *ir, -ição, -idor, -itivo, -itorio*, L. *prohibere* (*pro, adeante, hibere, ter*), pôr obstaculo; REDHIB *ir, -ição, -itorio*.

---

197 — A maior pensão (pag. 64 na 3.<sup>a</sup> ed.)

A maior pensão, com que Deus creou o homem, é o comer <sup>1</sup>. Lançae os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a bôca. Que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado, cavando, rasgando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha, carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas e com os ventos?



Busca pão. O mercador nas casas de contractação, passando letras, ajustando contas, formando companhias? O estudante nas universidades, tomando apostillas<sup>2</sup>, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho, os ricos dão pelo pão a fazenda, os d'espíritos generosos dão pelo pão a vida, os d'espíritos baixos dão pelo pão a honra, os de nenhum espirito dão pelo pão a alma, e nenhum ha, que não dê pelo pão e ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dito muito? Pois ainda não está discorrido tudo. Tirae o pensamento dos homens, e lança-o por todas as outras ceusas do mundo, achareis que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florecem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo, a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas aguas; em fim, tudo o que nasce e vive neste mundo a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive, e o que nasce? Os elementos<sup>3</sup> não são viventes, e a este fim cançamos e fazemos trabalhar os proprios elementos. O fogo nas forjas, e nas fornalhas; a agua nas levadas, e nas azenhas; o ar nas velas, e nos moinhos; a terra nas vinhas, e nas cearas; e até o sol, e a lua, e as estrellas não deixamos estar ociosas d'esta pensão; porque, o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descansar, é produzir e temperar, com suas influencias, o que ha-de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do céo acima até ao mesmo Deus, e achareis que elle é o que mais occupado está que todos em nosso sustento; porque, todas as outras coisas, cada



uma trabalha em si, e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas. De maneira que, a occupação do céu e da terra, e de todo este mundo, a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens é buscar pão para a bôca.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

<sup>1</sup> § 222, c. <sup>2</sup> notas, apontamentos. <sup>3</sup> entendiam os philosophos da antiguidade que havia quatro elementos, a saber: a terra, a agua, o ar, e o fogo, e os consideravam como partes constitutivas de todos os corpos. A chimica moderna mostrou que os tres primeiros são corpos compostos. Chamam-se *corpos compostos* aquelles que são formados pela combinação de dois, tres, quatro ou mais corpos simples. Contam-se actualmente 60 e tantos elementos ou *corpos simples*, os quaes são constituídos por moleculas simples, formadas todas de atomos da mesma natureza. Dividem-se em *metaes* e *metalloides*. O fogo, que era considerado pelos antigos como um dos quatro elementos, é o nome que se dá ao desenvolvimento simultaneo do calor e da luz produzidos pela combustão dos corpos chamados combustiveis, como o carvão, a madeira, etc. Quasi todos os povos primitivos, em todos os tempos, têm divinizado o fogo. Só á poesia e á linguagem figurada é permittido não estarem em dia com a sciencia e fallarem no elemento solido, no elemento liquido, no elemento vital e no elemento igneo. Não nos devemos admirar que o padre Antonio Vieira, que floresceu no seculo XVII, fallasse ainda no seu tempo dos *quatro elementos*, segundo a philosophia antiga, e não tivesse podido adivinhar então o que a sciencia no seculo XVIII havia de descobrir.

---

198 — Morte de Hippolyto <sup>1</sup> (pag. 73 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Saindo apenas de Trezene <sup>2</sup> as portas,  
 Ia sobre o seu carro. Afflictos guardas,  
 D'elle em torno, imitavam seu silencio,  
 Triste seguia a estrada de Mycena <sup>3</sup>.  
 Aos cavallos deixava as guias soltas:  
 E estes, que outro tempo tão soberbos,



Cheios de nobre ardor lhe obedeciam,  
A cabeça inclinada, os olhos tristes,  
Par'ciam conformar-se a seus pezares.  
Grito horrivel, saído d'entre as ondas,  
Eis que dos ares o socego turba;  
E do seio da terra, voz terrivel  
Gemendo, respondeu ao fero estrondo.  
Em nossos corações gelou-se o sangue.  
As crinas aos cavallos s'erriçaram.  
Sobre a planicie liquida s'eleva,  
Refervendo em cachões, humido monte.  
A onda rôla, quebra-se, e vomita  
Entre montões d'espuma um monstro enorme.  
Armam-lhe agudos cornos larga fronte;  
Cobrem lhe o corpo escamas amarellas,  
Toiro indomavel, drago furioso,  
Em tortuosa volta encurva as ancas;  
Aos seus longos rugidos treme a praia;  
O céu, vendo tal monstro, se horrorisa.  
Move-se a terra, fica o ar corrupto,  
Pasma, e recua a onda que o trouxera.  
Tudo foge; e, valor deixando inutil,  
Cada um se acolhe ao vizinho templo.  
Só, digno filho d'um heroe, Hyppolyto  
O carro faz parar, toma seus dardos,  
Aponta á fera, e, firme disparando,  
Rompe-lhe o lado c'uma larga f'rida.  
De raiva<sup>4</sup> e dôr o monstro faz corcovos.  
Junto aos pés dos cavallos cae mugindo;  
Rôla e lhes mostra uma garganta em chamma,  
A qual de fogo os cobre, e sangue, e fumo.  
O medo os toma então; e, esta vez surdos,  
Não reconhecem nem a voz, nem freio.  
Seu senhor se consome em vãos esforços.  
Tingem os freios com sanguinea espuma.  
Diz-se que um Deus se viu neste conflicto,  
Aguilhoar-lhes os polvorosos flancos.  
De pavor<sup>4</sup> correm atravez das fragas.



Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hippolyto  
 Seu carro vê voar feito pedaços,  
 Cae, e fica nas rédeas enlaçado.  
 Desculpae minha dôr. Tão triste imagem  
 Será do pranto meu eterna causa.  
 Vosso filho infeliz vi arrastado  
 Pelos proprios cavallos que criára ;  
 Quer socegá-los, e da voz se espantam.  
 Correm. Fica seu corpo uma só chaga.  
 Nossos gritos retumbam na campina.  
 Afrouxa emfim seu fogo impetuoso.  
 Para não longe dos antigos tumulos,  
 Que dos reis seus avós as cinzas fecham.  
 Afflicto corro lá, seguem-me os guardas.  
 De seu sangue os vestigios nos são guia.  
 Elle tinge os rochedos ; e os abrolhos  
 Os despojos retêm de seus cabellos.  
 Então chego, e lhe brado ; a mão m'extende,  
 Abre e cerra p'ra sempre os mortaes olhos ;  
*O céo, diz, me tirou vida innocente.*  
*Toma a ti, caro amigo, a triste Aricia*<sup>5</sup>.  
*Se algum dia meu pae desabusado*<sup>6</sup>  
*Chorar d'um filho a sorte não mer'cida*  
*P'ra meu sangue aplacar, sombra queixosa,*  
*Dize que com amor trate a captiva ;*  
*Que lhe entregue. . .* E aqui o heroe já morto,  
 Deixou nos braços meus o corpo informe.  
 Triste objecto da colera dos Nunes, *!!! Nunes*  
 E que seu mesmo pae não conhecêra.

Sebastião Francisco Mendo Trigoso (1738-1821).  
 Traducção da *Phedra*, tragedia do poeta francez J. Racine.

<sup>1</sup> Filho de Theseu e de Antiope, rainha das Amazonas. Sua madrasta Phedra accusou-o de uma villania que elle não quizera commetter; isto fez conceber tamanha colera a Theseu, que entregou o filho ao furor de Neptuno. Quando Hippolyto ia para o desterro foi accommettido por um monstro marinho, do que lhe resultou a morte, conforme a narração que se lê neste magnifico trecho. <sup>2</sup> cidade do Peloponeso, na Grecia, edificada



por Trezeno, filho de Pelops. <sup>3</sup> cidade do Peloponeso. <sup>4</sup> § 141.  
<sup>5</sup> filha de Pallante, rei de Trezena, e mulher de Hippolyto. <sup>6</sup>  
 desilludido, desenganado.

199 — O espirro tido na conta de agoiro  
 (Pag. 56 na 4.<sup>a</sup> ed.)

É a ilha de Malhorca uma e a maior das que são conhecidas entre a costa de Hespanha e Africa com o nome de Baleares, no mar Mediterraneo. Havia nella um principio de convento da Ordem <sup>1</sup>, desde o tempo que el rei D. Jayme de Aragão <sup>2</sup> a ganhara, poucos annos havia, aos moiros. Pareceu á Provincia <sup>3</sup> que seria acertado, para ficar no estado que convinha em terra povoada de novo, celebrar-se nella um capitulo <sup>4</sup> provincial. Não refusou <sup>5</sup> o trabalho o valoroso prelado. Quando foi tempo, achou-se em Barcelona <sup>6</sup> para d'alli passar. Estava de partida uma nau de mercadores para a ilha; embarcou-se nella com alguns capitulares, repartindo outros por outras embarcações. Levantadas ancoras, ao desferir das velas soou um espirro entre os passageiros. Foi causa de espanto a alteração e pavor que entrou juntamente em mareantes e mercadores por uma coisa tão natural e ordinaria, como é um espirro. No mesmo tempo mandam que se tomem as velas e se larguem de novo as ancoras, dizendo que com tal agoiro nenhum sisudo se desabrigava de terra. Acudiu o santo <sup>7</sup>, mais pela honra de Deus, que pela necessidade de navegar, e começou a reprovar a determinação, com razões santas fundadas em fé e christandade, e no credito da Providencia divina, que rege e governa todas as coisas, e dependendo todas d'ella, nenhuma tem força nem poder em si, senão quando ella lh'o communica e concede, como suprema e ultima causa que é de tudo. D'onde nasce que é vaidade e fabula dizer que ha agoiro, ou hora minguada em